

## ALGUNS ASPECTOS DA CONCESSÃO COM SE BEM QUE\*

Érika SALGADO<sup>1</sup>  
<esalgado@usp.br>

**RESUMO:** Embora venha sendo estudada desde a Antigüidade clássica, a concessão ainda carece de um estudo em profundidade pela lingüística moderna em língua portuguesa. Nosso trabalho pretende contribuir para o estudo desse fenômeno, pela análise do funcionamento da concessão com *se bem que*, assentando-se sobre diferentes correntes teóricas

**PALAVRAS CHAVE:** concessão, argumentação, coesão textual, funcionalismo

**ABSTRACT:** Although it has being studied since much time ago, the concession still lacks of a study in depth for the modern linguistics in Portuguese language. Our work intends to contribute for the study of this phenomenon, for the analysis of the functioning of the concession with even though, being based itself on different theoretical perspectives.

**KEY-WORDS:** Concession, Argument, Textual Cohesion, functionalism

### 0. Introdução

Embora venha sendo estudada desde a Antigüidade clássica, a concessão ainda carece de um estudo em profundidade pela lingüística moderna em língua portuguesa. Nosso trabalho pretende contribuir para o estudo desse fenômeno, pela análise do funcionamento da concessão com *se bem que*, assentando-se sobre diferentes correntes teóricas. Essas correntes teóricas têm em comum o pressuposto de que a linguagem humana é fundamentalmente um meio de interação

---

\* Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica desenvolvido com o apoio da FAPESP, no período de julho de 1999 a julho de 2001.

<sup>1</sup> Universidade São Paulo – USP

– e, sob nosso ponto de vista, não se pode entender o funcionamento da concessão sem levar em conta esse dado essencial.

## 1. Perspectiva teórica

Partimos do pressuposto de que a concessão é uma estratégia argumentativa polifônica, na qual para evitar um conflito, o falante corrente assume em parte o que enuncia seu parceiro e utiliza-se de argumentos que têm uma orientação argumentativa contrária àquilo que disse este último. Em nosso trabalho, os conectores são vistos como mecanismos essenciais na concessão.

Utilizamos as noções de funcionamento dos conectores no estabelecimento da **coesão textual** (cf. Koch, 1990), de funcionamento da **conversação** (cf. Marcuschi, 1986), além de uma descrição gramatical mais moderna (cf. Mateus *et al*, 1983). A partir dessas ferramentas básicas, partimos para os estudos da **semântica da enunciação** (cf. Guimarães, 1986) e a descrição polifônica da concessão (cf. Anscombe, 1983).

A fim de completar a análise iniciada e perceber outros aspectos da concessão com *sem bem que*, baseamo-nos nos autores: Neves (1999, 2000), Rodrigues (1996), Rodrigues *et al.* (1999), Létoublon (1983) e Urbano (1994, 1995).

## 2. Análise dos dados

O *corpus* oral utilizado para o trabalho é o do Projeto NURC, conforme Castilho & Preti (1986, 1987), Preti & Urbano (1988), Hilgert (1997) –, além do *corpus* mínimo do Projeto Gramática do Português Falado<sup>2</sup>. Para o *corpus* escrito, utilizamos a Revista Veja (números publicados entre janeiro de 1993 e novembro de 1994) e materiais esparços de jornais, revistas, publicidade, bilhetes e redações. Com relação aos exemplos utilizados, eles estão catalogados em cinco categorias: oral transcrito, oral editado, escrito jornalístico, escrito literário, escrito não-literário<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Esse *corpus* mínimo se constitui de 15 inquéritos: um de cada tipo (DID – Diálogo entre Informante e Documentador –, D2 – Diálogo entre Dois Informantes – e EF – Elocução Formal) para cada uma das cinco cidades pesquisadas (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Os inquéritos que constituem o *corpus* mínimo são os seguintes: POA/EF-278; POA/DID-45; POA/D2-291; SP/EF-405; SP/DID-234; SP/D2-360; RJ/EF-379; RJ/DID-328; RJ/D2-355; SSA/EF-49; SSA/DID-231; SSA/D2-98; REC/EF-337; REC/DID-131; REC/D2-05.

<sup>3</sup> A categoria *escrito não-literário* engloba exemplos retirados de fontes escritas diversas, cuja característica comum é a de não serem nem jornalísticos nem literários.

Tratando da análise dos exemplos, propriamente dita, utilizaremos A para o segmento não introduzido pelo conector, e B para o segmento que contém o conector. Neste trabalho, os dois exemplos seguem o modelo **A, se bem que B**.

Por meio de testes que incluem a negação, a pergunta, a inversão, a divisão para dois locutores e a divisão entoacional como elementos que possibilitam mostrar, de maneira mais ampla, o funcionamento do conector concessivo *se bem que*.

### 2.1 A, se bem que B (subjuntivo)

(1) [L1 e L2 falam sobre a carreira do marido de L1 que é procurador do Estado]

L1 então ele trabalha

L2 [ ( )

L1 NA Secretaria da Justiça...

L2 [ ahn ahn

L1 **se... bem que...** o lugar dele seja nos Transportes né?

(NURC/SP/D2 - Inquérito 360 - linhas 837-854)

Como dito acima, a estrutura desse exemplo obedece ao esquema **A, se bem que B**, sendo o conector, neste caso, acompanhado pelo verbo no modo subjuntivo. A utilização do verbo no subjuntivo, nas sentenças com *se bem que*, resulta na mobilidade das seqüências, sendo possível, em um enunciado do tipo A, *se bem que B*, passar para a estrutura *Se bem que B, A*, sem prejuízo sintático ou semântico, como podemos confirmar a seguir:

(1a) *Se bem que* o lugar dele seja nos Transportes, ele trabalha na Secretaria da Justiça.

O primeiro dos testes acima referidos é o da negação:

(1b) Ele **não** trabalha na Secretaria da Justiça, *se bem que* o lugar dele seja nos Transportes.

(1c) Ele trabalha na Secretaria da Justiça, *se bem que* o lugar dele **não** seja nos Transportes.

(1d) Ele **não** trabalha na Secretaria da Justiça, *se bem que* o lugar dele **não** seja nos Transportes.

Podemos considerar que o exemplo (1b) é o que tem mais possibilidade de ser aceito como bem formado. (1c) e (1d) não são bem formados do ponto de vista semântico, ou seja, em (1c) há uma incoerência, pois a negação contida em B não se relaciona com a afirmação presente em A. Em (1d), temos uma seqüência incompreensível, uma vez que, para compreendê-lo é preciso imaginar um contexto bastante específico, em que as duas negativas tenham como escopo

um enunciado anterior, em que "trabalhar na Justiça" e "trabalhar nos Transportes" tenham sido objeto de um afirmação ou interrogação por um outro locutor.

Como mostramos a seguir, o teste da pergunta serviu para verificar a solidariedade entre os membros da relação concessiva:

(1e) ? Ele trabalha na Secretaria da Justiça? *Se bem que* o lugar dele seja nos Transportes.

(1f) \* Ele trabalha na Secretaria da Justiça? *Se bem que* o lugar dele seja nos Transportes?

(1g) \* Ele trabalha na Secretaria da Justiça, *se bem que* o lugar dele seja nos Transportes?

(1h) \* *Se bem que* o lugar dele seja nos Transportes, ele trabalha na Secretaria da Justiça?

Todos eles alteram a relação concessiva. Podemos perceber, em (1g) e em (1h), que embora a pergunta não atinja a seqüência como um todo, ela não é aceitável em nenhum dos casos. Somente é possível interpretá-los como equivalente a um pedido de confirmação quanto à validade da relação concessiva estabelecida. Nesse sentido, uma glosa possível seria "diga se a relação concessiva que estabeleci é adequada ou não". Percebemos, então, uma alteração na relação concessiva, ou seja, não há mais uma relação argumentativa de concessão nestes casos.

Em (1f) temos uma sentença pouco natural para os falantes, uma vez que um conector concessivo como *se bem que*, dificilmente combina com uma pergunta, se se considerarmos que o argumento que ele insere não se faz passível de questionamento.

Com relação à (1e), poderíamos simular, para considerá-lo aceitável, uma divisão para dois locutores, em que A é uma pergunta feita pelo locutor e B constitui o encadeamento da resposta afirmativa a essa pergunta, pelo interlocutor:

(1i) L1 - Ele trabalha na Secretaria da Justiça?

L2 - Sim. *Se bem que* o lugar dele seja nos Transportes.

O uso de *sim* nesse contexto confirma a idéia de que, para que possamos conceder argumentativamente, necessitamos de um contexto afirmativo anterior ao enunciado introduzido pelo conector. Podemos generalizar essa observação para o conjunto dos exemplos (1e)-(1i) que mostram uma característica geral da concessão (e não apenas da concessão com *se bem que*), a saber, o fato de que a realização desse movimento argumentativo exige que os dois argumentos sejam apresentados na forma de asserção<sup>4</sup>.

---

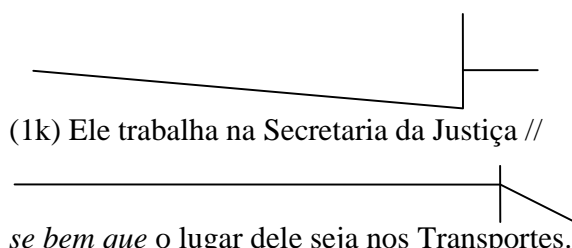
<sup>4</sup> O trabalho de Genovez (1999) chegou aos mesmos resultados para *ainda assim* e *ainda que*.

Ao dividirmos a sentença para dois locutores, verificamos que essa operação é possível: L1 enuncia uma afirmação que L2 corrige.

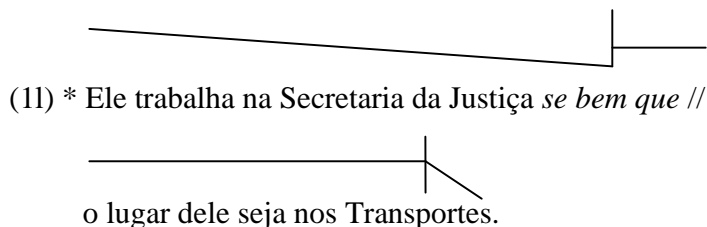
(1j) L1- Ele trabalha na Secretaria da Justiça.

L2- *Se bem que* o lugar dele seja nos Transportes.

Ao contrário do que observamos para a pergunta, a divisão para dois locutores permite observar uma característica específica (e não mais geral) da concessão com *se bem que*: temos, nesse caso, um indício de que A e B são unidades independentes. Aproveitando a divisão para dois locutores, passaremos a analisar a divisão entoacional:



(1k) Ele trabalha na Secretaria da Justiça //  
*se bem que* o lugar dele seja nos Transportes.



(1l) \* Ele trabalha na Secretaria da Justiça *se bem que* //  
o lugar dele seja nos Transportes.

A divisão entoacional apresentada em (1k) é a mais adequada para esse exemplo, ao contrário do que ocorre em (1l), pois essa estrutura não permite uma cesura após o conector. Essa divisão mostra uma característica geral do funcionamento das seqüências ligadas por conectores: estes são parte integrante do enunciado que introduzem<sup>5</sup>. Além disso, pode-se observar que, quando enunciadas numa entoação neutra, tais seqüências apresentam-se divididas em duas unidades – a primeira terminando com uma entoação "suspensiva" (que indica que há uma continuação), e a segunda com uma entoação típica das assertivas. Com a marcação do final da unidade de informação apenas no segundo membro da seqüência, esse perfil prosódico indica que a seqüência deve ser vista como um todo.

De modo geral, essa análise nos permite concluir que o conector concessivo *se bem que* sempre acompanha o argumento que prevalece na sentença, mostrando que, para que um locutor

introduza o conector concessivo, ele deve assumir em parte o que havia sido enunciado anteriormente, ou seja, para afirmar que "o lugar dele é nos Transportes", é necessário assumir o que foi dito em "Ele trabalha na Secretaria da Justiça".

## 2.2 A, *se bem que* B (indicativo)

A fim de termos uma visão mais abrangente, utilizaremos outro exemplo de nosso *corpus* oral, que difere do anterior quanto ao modo verbal.

(2) [L1 e L2 discutem a questão da não obediência à lei de zoneamento em São Paulo]

L1 acho que a economia é mais forte do que a lei ... ainda ...

L2 é meio incontrolável né? e acho que::... acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade que ... atinge um certo tamanho **se bem que** em São Paulo acho que tem um problema específico de::... ter-se tornado um centro industr/ industrial... grande

(Projeto NURC/SP/D2 - Inquérito 343 - linhas 98-108)

Como mencionado, o conector, neste caso, acompanha um verbo no modo indicativo, e, obedece ao esquema **A, se bem que B**.

O teste da negação pode ser desdobrado, como veremos a seguir:

(2a) Esse negócio **não** se repete em qualquer cidade, *se bem que* em São Paulo tem um problema específico.

(2b) \* Esse negócio se repete em qualquer cidade, *se bem que* em São Paulo **não** tem um problema específico.

(2c) \* Esse negócio **não** se repete em qualquer cidade, *se bem que* em São Paulo **não** tem um problema específico.

Em (2a), a negação em A, torna-se aceitável apenas se considerarmos A isoladamente. No exemplo (2b), ao considerarmos a negação em B, percebemos uma incoerência, visto que a afirmação de que "esse negócio se repete em qualquer cidade" contraria o que se afirma em A ("não tem um problema específico"). Enfim, no exemplo (2c), temos duas negações formam um todo incoerente e inaceitável, tanto do ponto de vista sintático quanto do ponto de vista semântico.

O primeiro aspecto diferencial entre a ocorrência das seqüências com o verbo no indicativo e no subjuntivo refere-se ao teste da inversão dos enunciados. Vejamos:

(2d) ? *Se bem que* em São Paulo tem um problema específico, esse negócio se repete em qualquer cidade.

<sup>5</sup> Note-se que o teste da inversão produz resultados que vão no mesmo sentido.

A inversão dos enunciados, neste caso, pode até não ser considerada como totalmente inaceitável ou agramatical, mas de todo modo denota uma seqüência pouco natural para os falantes<sup>6</sup>. Considerando os dados do nosso *corpus* oral em que *se bem que*, ocorre com verbos no modo indicativo, percebemos a impossibilidade de inversão. A fim de mostrar mais claramente a impossibilidade de inversão dos enunciados nos quais *se bem que* é acompanhado por um verbo no indicativo, apresentaremos um exemplo em que essa operação já foi efetuada<sup>7</sup>:

(2e)\* *Se bem que* para ser procurador não precisa ser da carreira, então o pessoal tinha um pouco de ciúme. (Projeto NURC/SP/D2 - Inquérito 360)

Para o teste da pergunta, examinaremos as seguintes possibilidades:

(2f) \* Esse negócio se repete em qualquer cidade, *se bem que* em São Paulo tem um problema específico?

(2g) \* Esse negócio se repete em qualquer cidade? *Se bem que* em São Paulo tem um problema específico.

(2h) \* Esse negócio se repete em qualquer cidade? *Se bem que* em São Paulo tem um problema específico?

Do mesmo modo que a negação, a pergunta não produz enunciados naturais, uma vez que, no primeiro exemplo, apesar de a pergunta atingir a seqüência como um todo, perde-se a relação concessiva, pois ela passa a valer como um pedido de confirmação para o estabelecimento da própria concessão. No exemplo (2h), a impossibilidade da pergunta em B confirma essa impressão. No exemplo (2g), a pergunta não se aplica a B, que se caracteriza pela "certeza" daquilo que está sendo enunciado. Note-se que é impossível encadear a um enunciado interrogativo, um enunciado concessivo. No que se refere ao exemplo (2h), percebemos um problema semelhante, visto que, a um enunciado interrogativo, segue-se um enunciado concessivo, na forma interrogativa.

Ao realizarmos a divisão para dois locutores, percebemos que essa operação é possível, assim como se evidencia a questão, já levantada anteriormente, da correção, por parte de L2, daquilo que foi enunciado por L1. Além do caráter corretivo do enunciado de L2, podemos notar também a abrangência dessa correção, ou seja, L2 corrige e especifica de modo pontual o argumento que está inserindo.

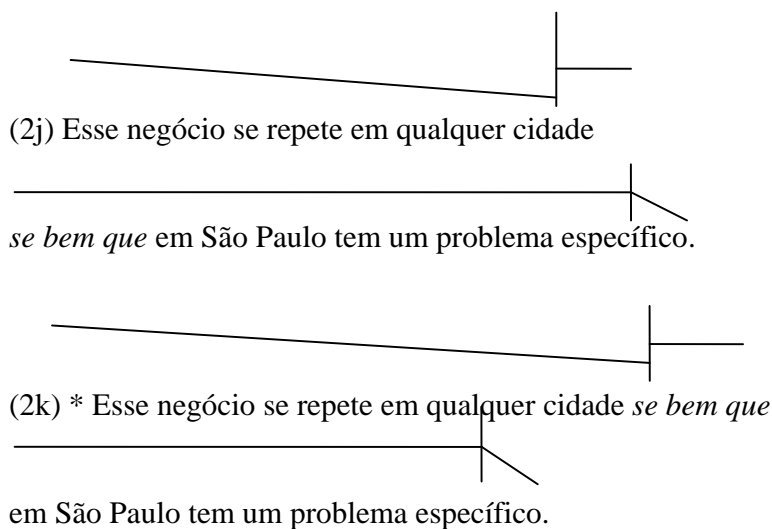
---

<sup>6</sup> Não desenvolveremos esse ponto neste trabalho.

(2i) L1 - Esse negócio se repete em qualquer cidade.

L2 - *Se bem que* em São Paulo tem um problema específico.

Na divisão entoacional, percebemos que a cesura ocorre antes do conector:



A entoação de A, em (2j), apresenta um caráter suspensivo, indicando que o desenvolvimento do que está sendo dito não está completado, e indicando que há uma continuação – o que prepara para a seqüência seguinte, ao contrário do que ocorre no exemplo (2j), que segue a mesma análise de (11).

### 2.3 *Se bem que* e os conectores conversacionais

A primeira questão a ser analisada, é a ocorrência de conectores conversacionais nos textos orais e que acompanham *se bem que*. Em primeira instância, utilizaremos os conceitos de Urbano (1994, 1995), a fim de mostrar a contribuição desses conectores na conversação e na interação que ela estabelece.

De acordo com Urbano, conectores como *não é?* e *né?* têm como possibilidade de funcionamento o fato de serem tipicamente uma busca de aprovação discursiva, mas que possui variantes, podendo funcionar como pontualizadores orais ou conectores de fechamento ou entrega de turno conversacional.

Em nosso *corpus*, utilizaremos os seguintes exemplos para análise:

(3) [L1 e L2 falam sobre a cidade]

<sup>7</sup> Por questões de espaço, não examinaremos as diferenças de aceitabilidade entre (2d) e (2e).



- L1 tem saído ultimamente ... de carro?  
L2 ((risos)) tenho mas você diz sair ... fora ... sair  
normalmente para a escola essas coisas?  
L1 pegar a cidade ( )  
L2 tenho **se bem que** eu acho que eu conheço pouco a cidade  
né? ... por exemplo se eu for comparar com ...

(4) L2 é:.... **se bem que**:.... eu tenho a impressão que o processo vai ser mais lento... já está acontecendo agora quer dizer... pessoas que têm um nível... social um pouco mais... ALto... já morrem de medo de ter filho atualmente né? (você vê que isso é) mais ou menos generalizado

- [  
L1 (é mas sempre) ( )  
L2 ou se tem não se tem mais uma família de dez quinze filhos né?

(5) L2 ele ele estaria dentro do caso do engenheiro civil então o clínico geral assim de:: ... em termo não de estudo digamos mas de ... de campo de serviço?

- L1 **se bem que** o engenheiro hoje está bem hein meu querido ... ahn?  
L2 ah mas tem engenheiro civil sobrando aí hein V. (...)

- (6) L1 **se bem que**  
para ser procurador de Es/ geral do Estado não precisa ser da carreira né?  
[  
L2 certo ( )  
L1 qualquer advogado... (...)

(7) *Inf.* prefiro comer frutas...  
então todos os dias:.... às refeições:: nós lá em casa costumamos mais comer frutas do que doces... o pessoal todo lá em casa prefere as frutas... **se bem que** os doces em calda também tenham bastante aceitação viu? pêsego em calda goiaba em calda:: com catupiri:: ((risos)) (...)

Nos exemplos (3) e (4), temos a ocorrência do mesmo tipo de fenômeno, que é, em princípio, o do conector conversacional funcionando como uma pontuação. O fato de não ocorrer pausa antes do conector seria motivo suficiente para pensarmos que o *né?* estaria pontuando a fala. No entanto, o exemplo (3) contém a expressão "eu acho que", enquanto o exemplo (4) carrega "eu tenho a impressão", enunciados suficientes para considerarmos que o conector conversacional recebeu um apoio, um reforço que lhe devolveu o posto de BAD (Busca de Aprovação Discursiva).

Em (5) e em (7), não temos os conectores *não é?* e *né?*, mas temos outros dois que assumem o mesmo papel que estes: *ahn?* e *viu?*. Nesses casos, os conectores funcionam como uma típica BAD, mas, em (5), há uma intervenção do interlocutor, fazendo com que a busca de

aprovação discursiva tenha um retorno lingüístico. No caso de (7), é como se o locutor pedisse para seu interlocutor prestasse atenção naquilo que ele está dizendo, pois ele inseriu uma nova informação que, de certa forma, "equilibra" a orientação argumentativa do que ele estava dizendo.

Por fim, o exemplo (6) mostra que apesar de, teoricamente, *né?* também ser considerado como um "pontuador", temos um fenômeno interessante que é o do interlocutor confirmar sua aprovação antes mesmo de o locutor haver terminado seu turno.

Tal fato confirma a hipótese de que nem sempre as BADs precisam ser usadas para que assumam a função que lhes foi atribuída e que os elementos extra-lingüísticos ou entoacionais são muito mais significativos. Essa reflexão possibilita uma reavaliação das considerações que foram feitas em outras etapas de nosso trabalho. Referimo-nos à idéia de que tal fenômeno poderia (ou não) influir na concessão e, mais especificamente, no funcionamento de *se bem que*. Na verdade, atualmente consideramos tal análise inviável, na medida em que a interação face a face entre os interlocutores é muito mais significativa do ponto de vista analítico. Além disso, as BADs não influem, diretamente, na argumentação efetuada.

#### **2.4 O duplo uso de *se bem que***

O próximo ponto a ser considerado – aliás o mais importante –, é a questão do duplo funcionamento de *se bem que*: um uso argumentativo concessivo e um uso argumentativo corretivo.

O funcionamento concessivo do conector estabelece-se devido ao modo verbal em que se apresenta (cf. Salgado, 2001): o subjuntivo. Como os exemplos do *corpus* para esse tipo de ocorrência são poucos, todas as ocorrências de que dispomos são apresentadas a seguir<sup>8</sup>:

(8) Ele trabalha na Secretaria da Justiça, *se bem que* o lugar dele seja nos Transportes.

(9) "O inspetor" era um pouco um misto de policial com um pouquinho de cunho psicológico na peça, *se bem que* quem não prestasse muita atenção ia achar que era sobrenatural.

(10) Em casa costumamos mais comer frutas do que doces, *se bem que* os doces em calda tenham bastante aceitação.

(11) *Se bem que* ele tenha no panorama geral brasileiro muita importância, é um livro que não apresenta nenhuma originalidade.

---

<sup>8</sup> Os exemplos apresentados serão adaptados para melhor visão do funcionamento do conector.

(12) Além disso, o mestre-de-cerimônias, depois de graves meditações, sabendo que ficara mal visto de seus companheiros pelo escândalo que dera, *se bem que* fosse certo não estar nenhum deles a tal respeito em circunstâncias de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmúrio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do lugar que exercia na Sé, decidiu-se a abandonar a cigana, e assim o fez.

(13) – Se fosse comigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer... Vidinha, *se bem que* não pedisse explicação daquele dito, não deixou contudo de dar-lhe atenção e de cismar nele por algum tempo.

(14) Eu era a escura ignorância com suas fomes e risos, com as pequenas mortes alimentando a minha vida inevitável – que podia eu fazer? eu já sabia que eu era inevitável. Mas se eu não prestava, eu fora tudo o que aquele homem tivera naquele momento. Pelo menos uma vez ele teria que amar, e sem ser a ninguém – através de alguém. E só eu estivera ali. *Se bem que* esta fosse a única vantagem: tendo apenas a mim, e obrigado a iniciar-se amando o ruim, ele começara pelo que poucos chegavam a alcançar. Seria fácil demais querer o limpo; inalcançável pelo amor era o feio, amar o impuro era a nossa mais profunda nostalgia.

Os exemplos (8), (9) e (11) já foram utilizados em Salgado (2001: 7) para esse mesmo tipo de análise, pelo fato de apresentarem características concessivas "tradicionais". Em (8), o conector introduz um argumento que "acrescenta" uma informação, mas que nem por isso segue a orientação do enunciado não introduzido pelo conector, assim como em (9) e em (11). Ainda com relação aos exemplos do *corpus* oral, em (10) o conector insere um argumento que, nitidamente, equilibra a oposição presente no enunciado não introduzido pelo conector.

Para os exemplos (12), (13) e (14), que são literários, é mais difícil de perceber o valor de "informação adicional e contrária" do argumento inserido pelo conector, mas essa informação também está presente. Em (12), o argumento "ficara mal visto pelos companheiros" teve como acréscimo opositivo o fato de que nenhum desses companheiros encontrava-se em posição de lhe atirar a primeira pedra. Em (13), o fato de "ter ficado pensando no que havia sido dito", levaria Vidinha a pedir explicações sobre o ocorrido, o que não aconteceu.

Em linhas gerais, podemos verificar que todas as ocorrências concessivas de *se bem que* introduzem um novo argumento que se contrapõe ao argumento inserido pelo enunciado que não contém o conector.

Ao analisarmos os exemplos do modo indicativo presentes no *corpus*, verificamos que as características são diferentes, pois *se bem que* tem um valor corretivo nos enunciados introduzidos por ele.

- (3) A – Tem saído ultimamente de carro?  
B – Tenho, *se bem que* eu conheço pouco a cidade.

(15) A economia é mais forte do que a lei em qualquer cidade que atinge um certo tamanho, *se bem que* em São Paulo tem um problema específico por ter-se tornado um centro industrial grande.

(16) Eu escolho muito bem os programas de rádio e os de televisão, *se bem que* no rádio é mais fácil escolher alguma coisa boa.

(17) Foi naquela época que tinha aquelas moedas grandes e era um dia chuvoso, *se bem que* tinha parado a chuva, ficando um nevoeiro.

(18) Os petistas são tão petistas que acreditam que quem votou na Marta votou no PT. Não que exista um martismo. *Se bem que*, pelo som, martismo poderia ser um derivado caipira de marxismo.

(19) Papai ensinou-me a montar e a jogar golfe.

Eu dei a ele uma gravata.

Ele me incentivou a estudar em Paris.

Eu dei a ele uma camisa.

Comprou-me um apartamento na "Avenue Foch".

E eu lhe dei um cinto. (*Se bem que* um belíssimo cinto.)

Outros três exemplos com o modo indicativo já foram apresentados em Salgado (2001: 7). Por essa razão, resolvemos diversificar os exemplos do *corpus*, visto, inclusive, que o material coletado contém grande parte das ocorrências na modalidade oral.

Em (3), o fato de "conhecer pouco a cidade" foi utilizado para corrigir eventuais deduções do tipo "se alguém sai de carro é porque conhece a cidade". Em (15), a correção é reiterado por "problema específico", e o fato de São Paulo ser um grande centro industrial insere uma informação que expande a "fatalidade" de que "em toda cidade grande, a economia é mais forte que a lei". Em (16), o fato de "o rádio ter melhores opções que a televisão" adiciona uma informação positiva à menção feita ao rádio no enunciado que não é inserido pelo conector. Em (17), o argumento inserido pelo conector diz que "a chuva havia parado", mas esse fato não é colocado como opositivo, e sim como corretivo. Em (19) e (18), ocorre o mesmo fenômeno, pois, no primeiro exemplo, é atribuída uma "qualidade" ao cinto e, no segundo, há uma explicação "ideologicamente derivada".

### 3. Considerações finais

A partir dos resultados apresentados por meio dos testes efetuados nas seções 2.1 e 2.2, é possível determinar alguns pontos como essenciais para o funcionamento de *se bem que* como,

por exemplo, a constatação de que os testes da pergunta e da negação têm resultados semelhantes, pelo fato de evidenciarem características gerais da concessão. Ao contrário do teste da inversão e o da divisão para dois locutores que caracterizam o funcionamento desse conector, que se revela, essencialmente, pelo modo verbal.

No decorrer da análise, já na seção 2.3, os resultados obtidos esclareceram dois pontos importantes no que se refere a associação dos conectores conversacionais e do *se bem que*: i) as BADs não influenciam no funcionamento de *se bem que*; ii) a interação face a face é mais significativa, do ponto de vista analítico, do que as BADs.

Na seção 2.4 percebemos que, o uso corretivo de *se bem que* tem um funcionamento diverso do uso concessivo, pois insere um argumento que corrige ou expande o argumento introduzido pelo enunciado sem conector, ao contrário de *se bem que* concessivo, que insere um argumento que se opõe ou contrasta com o enunciado que não possui o conector.

É possível considerar que esse conector desenvolve-se a partir dos conteúdos propostos nos enunciados, tendo no modo verbal utilizado a motivação para cada um dos funcionamentos, que ora caracteriza-se como concessivo, ora como corretivo. Ressaltamos que essas hipóteses de análise ainda requerem aprofundamento teórico mais específico e também em diferentes *corpus* de análise e de situações de interação social.

#### 4. Referências bibliográficas

- ANSCOMBRE, J.-Cl. *Pour autant, pourtant (et comment): à petites causes, grands effets, Cahiers de Linguistique Française* 5, 1983, p. 37-84.
- CASTILHO, A.T. de & PRETI, D. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – vol. I: elocuições formais*. São Paulo: T.A. Queiroz/ FAPESP, 1986.
- CASTILHO, A.T. de & PRETI, D. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – vol. II: diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo/Campinas: Cultrix/Unicamp, 1977 [1972].
- DUCROT, O. As escalas argumentativas, *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global, 1981 [1973], p. 178-228.
- DUCROT, O. *et al. Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- GUIMARÃES, E.R.J. *Texto e argumentação: Um estudo das conjunções em português*. Campinas: Pontes, 1987.
- HILGERT, J.G. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre – vol. I: diálogos entre informante e documentador*. Passo Fundo/Porto Alegre: EDIUPF/Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

- KOCH, I.G.V. *A coesão textual* 2ªed. São Paulo: Contexto, 1990.
- LÉTOUBLON, F. *Pourtant, cepedant, quioique, bien que*: Dérivation des expressions de l'opposition et de la concession. *Cahiers de Linguistique Française* **5**, 1983, p. 85-110.
- MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MATEUS, M.H.M. *et al. Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- NEVES, M.H. DE M. (org.) *Gramática do português falado – vol. VII: Novos estudos*. São Paulo/Campinas: Humanitas/Ed. da UNICAMP, 1999.
- NEVES, M.H. DE M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PRETI, D. & URBANO, H. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – vol. III: diálogos entre o informante e o documentador*. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPEESP, 1988.
- RODRIGUES, A.C. DE S. “Correlação modo-temporal nas construções complexas: Concessivas”. Comunicação apresentada ao *XI Congresso Internacional da ALFAL*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Las Palmas (Espanha, Ilhas Canárias), 22 a 27 de julho de 1996.
- RODRIGUES, A.C. DE S. *et alii*. “Correlação modo-temporal nas construções complexas do português culto falado no Brasil: orações concessivas”. In: NEVES, M.H. DE M. (org.) *Gramática do português falado - vol. VII*. São Paulo/Campinas: Humanitas/Ed. da UNICAMP, 1999, p. 653-672.
- SANTOS, L.M. *Uma análise modular da concessão em português: conversação, argumentação e prosódia*. Projeto Individual de Pesquisa. São Paulo: DLCV/FFLCH/USP, 1998.
- SANTOS, L.M. Marcas da concessão na língua falada e na língua escrita, in MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999, p. 267-270.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais: o caso do né?. *Estudos Lingüísticos* **23**. São Paulo: USP, 1994, p. 1430-1438.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais: um novo aspecto do Né?. *Estudos Lingüísticos* **24**. Ribeirão Preto: UNAERP, 1995, p. 660-666.